

A charge como elemento informativo, crítico e satírico no jornal Aconteceu

Thaís Guimarães de Lima³³

Resumo

Este trabalho propõe uma reflexão acerca da charge como elemento relevante em publicações jornalísticas, observando suas características e o seu papel na compreensão dos fatos abordados, especificamente nas pequenas mídias impressas. Com esse intuito, este artigo promove uma análise de charges publicadas no Jornal Aconteceu, veículo impresso que circula principalmente na cidade de São Mateus do Sul, no interior do Paraná, e inclui a charge em seu projeto editorial há cinco anos, preservando as características marcantes desse elemento. A partir de pesquisa bibliográfica sobre o tema central e assuntos envolvidos, e conhecimento acerca do veículo de comunicação objeto de estudo, cinco charges foram selecionadas para análise, buscando observar suas características e compreender a construção, função e formas de discurso aplicadas. Além de perceber a maneira como a charge é adotada em um pequeno jornal, relacionada às notícias locais, este estudo possibilita perceber o valor da charge como espaço para crítica e uso do humor na abordagem dos fatos. Destacando a semiótica, a análise ainda coloca o objeto de estudo como mais um subsídio para o leitor compreender a notícia e valorizar a sua interpretação em relação ao que é apresentado.

Palavras-chave: Charge. Jornalismo. Humor. Crítica. Jornal impresso. Pequenas mídias.

³³ Graduada em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo; Especialista em Gestão e Produção Criativa em Comunicação, pelo Centro Universitário de União da Vitória – UNIUV. E-mail: thaisg.lima@yahoo.com.br

Charge as an informative, critical and satyric element in “Aconteceu” newspaper

Thaís Guimarães de Lima

Abstract

This work proposes a reflection of the cartoon as a relevant element in journalistic publications, noting their characteristics and their role in understanding the facts addressed specifically in small media. To that end, this article promotes analysis of the cartoons published in “Aconteceu” Newspaper, printed vehicle traveling mainly in the city of São Mateus do Sul, Paraná state, and includes the cartoons in its editorial project five years ago, preserving the striking features of this element. From literature on the central theme and issues involved, and knowledge of the vehicle object of study communication five cartoons were selected for analysis, observing its characteristics and understanding the construction, function and forms of discourse applied. In addition to realizing the way the cartoon is adopted in a small newspaper, related to local news, this study makes it possible to realize the value of the cartoon as a space for criticism and use of humor in addressing the facts. Highlighting semiotics, the analysis also places the object of study as an additional allowance for the reader to understand the news value and its interpretation as to what is presented.

Keywords: Cartoon. Journalism. Humor. Criticism. Newspaper. Small media.

1 INTRODUÇÃO

Mesmo com os avanços das tecnologias e mudanças no perfil do público, muitos elementos que se originaram nos meios de comunicação impressos mantêm-se e carregam sua relevância para o veículo e para o público leitor. E a charge é um deles. Utilizando o recurso da imagem (ilustração), aborda, de forma bem-humorada, assuntos que foram noticiados com um toque crítico e satírico, revelando muitas vezes a posição do jornal sobre determinada questão, e trazendo mais subsídios aos leitores quanto à interpretação do assunto. Além, é claro, de fazer rir.

Outro fator que torna interessante a presença da charge é quando existe uma identificação, uma proximidade do leitor com o assunto tratado. E isso intensifica-se quando aplicado a jornais locais e regionais, que predominantemente trazem notícias de uma determinada região, para um determinado público.

Esta pesquisa propõe entender como a charge acrescenta sentidos a uma publicação jornalística, tanto no sentido de trazer mais uma forma de se informar e de exercitar o senso crítico, quanto pelo humor. Voltado para uma análise de um jornal do interior, o estudo ainda indaga a utilização desse elemento nas pequenas mídias, observando o processo de criação, as formas de discursos aplicadas e o tipo de sátira, tendo como base uma realidade específica, local.

O veículo de comunicação utilizado para a análise é o Jornal Aconteceu, semanal que circula há mais de 20 anos, principalmente, em São Mateus do Sul. Sua escolha se justifica pelas características do jornal, que utiliza charges desde 2011, produzidas exclusivamente para suas edições, por um chargista local, oferecendo uma nova visão sobre fatos que notícia.

Esta análise torna-se importante por proporcionar um reconhecimento da função da charge nos meios de comunicação e permitir compreender seus elementos, desde a concepção da ideia até o resultado, processo que muitas vezes é desconhecido pelos leitores. Ainda, vai colaborar para destacar a presença dessa ferramenta em publicações locais e sua utilização além da grande mídia.

2 DESENVOLVIMENTO

A linguagem jornalística adotada nos jornais e revistas sofreu grandes mudanças com o passar dos anos, adaptando-se às épocas para a melhor compreensão do leitor em relação ao que é informado. Além do texto propriamente dito, que nos jornais antigos nos chama atenção

pela densidade dos parágrafos e linguagem rebuscada, as publicações em geral foram sendo modificadas e completadas com a adição de novos recursos informativos, que ganharam seu espaço e relevância nos meios de comunicação impressos.

Nesse contexto, a charge atualmente é um elemento comum nos jornais e revistas e sua contribuição para a compreensão dos fatos é notável. Como recurso visual, atrai a atenção do leitor, e pela sua denotação humorística, comumente cria uma empatia que desperta o interesse do leitor para a questão satirizada e também provoca sua capacidade interpretativa e visão crítica.

Configura-se como um desenho humorístico vinculado a uma publicação, com o objetivo de ilustrar ou apresentar uma opinião a respeito de determinado acontecimento. “[...] A charge satiriza um fato ou indivíduo específicos; revela e defende uma ideia, portanto tem natureza dissertativa, traduzida a partir dos recursos e da técnica da ilustração” (MIANI, 2012, p.39).

Barbosa e Rabaça (2001, p.126) consideram que o objetivo de charge é fazer “[...] uma crítica humorística imediata de um fato ou acontecimento específico, em geral, de natureza política”. De característica opinativa e baseada em fatos reais, está sempre aliada a alguma informação do noticiário jornalístico.

Entre as características gráficas, é expressa geralmente em apenas um quadro e composta por um desenho, acompanhado ou não de diálogo, texto descritivo ou representação de onomatopeia, a critério do autor. Pode ser colorida ou não e apresentar os mais distintos traços, que se aplicam conforme a característica do seu autor e a identidade que ele e o veículo constroem para a publicação. Justamente essa identidade determinada pela predominância de um traço e/ou uma forma de discurso específico é que levam coerência e colaboram pela proximidade do desenho com o público, que passa a reconhecê-lo e a se identificar com ele, uma vez que sua presença normalmente é contínua nas edições da publicação.

Flores (2002, p.11) aponta que a charge contribui para moldar o imaginário coletivo, a partir de seus discursos estratégicos:

Sua temática, em geral, versa sobre o cotidiano – questões sociais que afligem, irritam, desgostam, confundem. Essas questões focalizam os universos de referência do público, expondo testemunhos, registrando perplexidades, apontando falhas, satirizando pontos de vista, desvelando motivações ocultas, introduzindo questionamentos. Por natureza, é polêmica.

Miani (2012, p. 40) também destaca, como qualidade da charge, “[...] se constituir como instrumento de persuasão, intervindo no processo de definições políticas e ideológicas do receptor, através da sedução pelo humor”.

2.1 HUMOR: INSTINTO HUMANO

A tentativa de compreender o riso e o humor já passou pelo pensamento de diversos filósofos, sociólogos, psicólogos e pesquisadores, algo tão complexo que também já virou piada. Foi Aristóteles quem afirmou que “o homem é o único animal que ri”. “E é rindo que ele mostra o animal que realmente é”, completou o bem-humorado Millôr Fernandes.

Minois (2003, p. 19) destaca o interesse tão grande dos estudiosos pelo riso, devido aos seus mistérios e significações, e, em seu livro, busca na história diferentes interpretações em relação ao riso, variáveis conforme a cultura e os costumes de cada época e lugar. Como quando era atribuído como algo divino, dádiva dos deuses, ou quando foi considerado o outro extremo, no cristianismo do século XIX, diabólico, associado ao pecado e à fraqueza humana. Até revelar-se, na modernidade, oriundo de diversas motivações e só mais um elemento da complexidade humana.

Alternadamente agressivo, sarcástico, escarnecedor, amigável, sardônico, angélico, tomando as formas de ironia, do humor, do burlesco, do grotesco, ele é multiforme, ambivalente, ambíguo. Pode expressar tanto a alegria pura quanto o triunfo maldoso, o orgulho ou a simpatia. É isso que faz sua riqueza e fascinação ou, às vezes, seu caráter inquietante (MINOIS, 2003 p. 15-6).

Henri Bergson é um dos autores que atribui a comicidade exclusivamente ao homem, com significação e alcance social. Ora, é inconsciente e se expressa de forma mecânica na vida em sociedade. Ele enquadra o cômico em três observações: a especificidade humana (que ri e causa o riso), a insensibilidade que acompanha o riso (a indiferença é o seu ambiente natural), e a vida social (não desfrutaríamos do cômico se nos sentíssemos isolados). “Ao que parece, o cômico surgirá quando homens reunidos em grupo dirijam sua atenção a um deles, calando a sensibilidade e exercendo tão só a inteligência” (BERGSON, 1983, p. 9).

Sigmund Freud, o criador da psicanálise, buscou relações do humor com o inconsciente e atribui sua essência ao triunfo do ego e ao princípio do prazer, e como um dos métodos da mente humana para fugir dos sofrimentos reais.

Como os chistes e o cômico, o humor tem algo de liberador a seu respeito, mas possui também qualquer coisa de grandeza e elevação, que faltam às outras duas maneiras de obter prazer da atividade intelectual. Essa grandeza reside claramente no triunfo do narcisismo, na afirmação vitoriosa da invulnerabilidade do ego. O ego se recusa a ser afligido pelas provocações da realidade, a permitir que seja compelido a sofrer. Insiste em que não pode ser afetado pelos traumas do mundo externo; demonstra, na verdade, que esses traumas para ele não passam de ocasiões para obter prazer (FREUD, 2006, p. 99).

A reunião de estudos e observações propiciou a fundamentação do humor em três teorias. A teoria da superioridade, na qual o indivíduo que se considera superior utiliza-se do humor para reafirmar sua autoridade perante outro indivíduo, divertindo-se dos pontos fracos ou desgraças alheias, como sugeriu Aristóteles, e ainda se alinhando à ideia de pertencimento a um grupo. Desse contexto se originam as tantas piadas contra minorias. A teoria do alívio se embasa nos conceitos de Freud já descritos anteriormente, nos quais a piada funcionaria como uma espécie de válvula de escape para as tensões. A teoria da incongruência, por sua vez, sugere o humor como resultado de uma dissonância cognitiva, ou seja, baseada na surpresa, na quebra de expectativa e nas estranhezas que podem instigar o riso. Normalmente, para-se por aqui, mas ainda existe uma quarta consideração, que não é uma unanimidade entre os pesquisadores – a teoria *conceitual* que afirma que o humor pode ser mais bem compreendido a partir da análise do paradoxo que se estabelece, exigindo uma leitura semiótica (FIGUEIREDO, 2012).

Unanimidade é que o humor ainda é um grande mistério e que tem diversas motivações. Assim como concorda-se que é difícil descrevê-lo, é impossível questionar que sua presença seja natural e onipresente em nosso cotidiano. Seja de maneira provocada, em uma boa piada, em uma paródia ou em uma charge bem costurada, seja de maneira espontânea, por causa de uma situação inesperada e pelos nossos instintos de reação. É difícil compreender porque é simples, e talvez aí é que esteja a graça.

2.2 O USO DA CHARGE

Historicamente, considera-se que a utilização de ilustrações irônicas está presente desde que os homens das cavernas começaram a rabis-car as paredes com desenhos que reproduziam seu dia a dia. Sátiras ilustrativas também estão presentes em vestígios arqueológicos de diversos

povos em diferentes épocas, como no Egito Antigo, entre os gregos e no Império Romano. Mas Fonseca (1999, citado por PARNAIBA; GOBBI, 2014) considera que a caricatura surgiu no Renascimento, pelo interesse dos irmãos Agostinho e Aniballe Carraci, pela observação do cotidiano e reprodução em desenhos na noção de caricatura. O autor também aponta o francês Jacques Callot como aquele que inaugurou o gênero sátira social, satirizando os elegantes, os mendigos e todas as outras classes que se posicionaram entre esses extremos. “Muito mais do que caricaturar os indivíduos, Callot voltava-se para os grupos formados por eles” (FONSECA, 1999, citado por (PARNAIBA; GOBBI, 2014, p.11).

Com a invenção da tipografia, a disseminação tornou-se mais fácil, conforme lembra Sousa (2005, p.386), e o humor gráfico ultrapassa “[...] a dimensão de simples caricaturas de pessoas para atingir a do *cartoon* de situação de atualidade”, ganhando essa forma a princípio no Reino Unido e fazendo nomes na América. Com a litografia ocorre uma verdadeira invasão da imprensa pelos cartuns e o surgimento de publicações exclusivamente humorísticas, consagrando espaço ao humor gráfico e delineando o seu formato. “De alguma forma, podemos dizer que o século XX trouxe consigo a sátira e a crítica sob a forma de humor gráfico para a imprensa” (SOUSA, 2005, p. 391).

Esses dados destacam como a história desse tipo de ilustração está intimamente ligada à imprensa escrita, desenvolvendo-se com ela.

Documenta-se que a charge começou a ser utilizada no Brasil no século XIX, ainda integrando o conceito ‘caricatura’, uma vez que a origem das palavras é semelhante: charge vem do francês *charger*, que significa carga, no sentido de carregar, exagerar; e caricatura vem do latim *caricare*, também remetendo a carregar, aumentar a proporção.

Miani (2012, p. 38) explica:

Antes mesmo do aparecimento do Diabo Coxo, em 1865, o primeiro jornal de caricaturas de São Paulo, produzido por Ângelo Agostini, a história da caricatura no Brasil já estava associada ao combate e à crítica dos costumes e da política. Era um termo genérico aplicado a todos os desenhos humorísticos, desde que desencadeasse o riso, a crítica escarnejadora e a sátira contundente.

Segundo Sanchotene (2011, p. 21), o registro da primeira charge assinada no Brasil data de 1837, do jornalista Manuel Araújo Porto Alegre, no Jornal do Commercio, do Rio de Janeiro:

‘A Campainha e o Cujo’ é considerada a primeira charge nacional e apresentava o jornalista Justiniano José da Ro-

cha, diretor do jornal Correio Oficial do Rio de Janeiro, ligado ao governo, recebendo um saco de dinheiro. Logo, a propina foi o primeiro tema abordado na história da charge brasileira.

A charge teve seus momentos na imprensa brasileira, mas talvez o mais significativo como lembrança de seu valor crítico e da repercussão para o público tenha sido o período da ditadura instaurada pelo golpe militar de 1964. Com a drástica violação à liberdade de expressão e censura calando veículos de comunicação, em especial e com mais peso aos declaradamente contrários ao regime, houve a busca por alternativas para manter o diálogo com o público sem perder a identidade. E as charges mostraram-se um recurso inteligente e criativo para driblar a censura rígida sobre as matérias jornalísticas, com igual ou até maior acidez.

2.2.1 O Pasquim

O Pasquim, semanário que circulou entre 1969 e 1991, foi certamente um dos ícones da chamada “imprensa nanica”, que ousou ao explorar as charges de forma diferenciada, tanto nas temáticas quanto na forma como elas eram expostas e distribuídas pela publicação, evidenciando a relevância que apresentavam para os editores e, logo, pelo público leitor.

A publicação imprimiu sua particularidade na forma e no discurso. Para Braga (1991, p. 213), o trabalho de formalização do jornal – a construção renovadora da página, as integrações desenho/texto, a importância do traço, o desenvolvimento do estilo, o uso inventivo da língua portuguesa e a renovação da linguagem jornalística – vão além de uma ‘saída artística’, mas “foi a condição da construção de um espaço de fala, gerando os recursos de implicação e estimulando a convivência entre autores e leitores”, nas então circunstâncias rigorosas existentes na época.

O autor ressalta o propósito de análise crítica da vida social, sem se afastar do tom popular:

[...] Embora carregada muitas vezes de indignação ou de agressão satírica, a análise pasquiniana é rigorosa, bem informada e objetiva, o que afasta a ideia de simples panfletagem. No exercício dessa análise, as posições e os enfoques variam conforme o autor. E como os problemas sociais e políticos são abordados por diversos colaboradores (em tons variados entre o sério e o riso), a integração das múl-

tiplas perspectivas determina a produção de exames bastante complexos de um ponto de vista jornalístico (BRAGA, 1991, p. 213 e 214).

Entre os elementos gráficos e visuais, os desenhos de humor de *O Pasquim*, nas formas de caricatura, charge, tiras e ilustração, vão além de um complemento visual, mas tornam-se preponderantes. Ainda conforme Braga (1991), *O Pasquim* não varia do comum dos jornais no que se refere às características de seus cartuns, mas no fato de que eles ultrapassam a função de complemento visual e são dispostos com liberdade, ora isolados, ora em conjuntos, como uma única ideia ou em uma seção. “Em qualquer uma de suas formas, o desenho aparece através de todo o jornal, ocupando um espaço importante e relativamente disseminado, não confinado a determinadas páginas” (BRAGA, 1991, p. 164).

O grupo básico de *O Pasquim* foi formado por Tarso, Claudius, Jaguar, Zivaldo, Sérgio Cabral, Prósperi, Luiz Carlos Maciel, Millôr, Fortuna, Henfil, Francis e Ivan Lessa, mas teve vários outros colaboradores.

2.2.2 Charlie Hebdo

Mundialmente, ao se falar de charge, é impossível não remeter ao Charlie Hebdo, no contexto atual. Logo na página principal de seu site, o jornal francês já diz a que veio: “Charlie Hebdo é um soco na boca... Contra aqueles que nos impedem de pensar. Contra aqueles que temem a imaginação. Contra aqueles que não querem se divertir”.

Semanário de humor irreverente, o Charlie Hebdo publica conteúdo amplamente ilustrado, que satiriza temáticas da atualidade, brincando com política, com economia e frequentemente com religião. Teve início em 1970, substituindo a publicação *Hara-Kiri*, criada por François Carvanna e Georges Bernier, de linha editorial semelhante, que fora proibida pelo governo, após uma manchete abordar a morte de Charles de Gaulle, e uma tragédia em uma boate que fez 146 vítimas. O novo jornal homenageou em seu nome o personagem das tirinhas Charlie Brown, e trouxe alguns remanescentes do primeiro projeto e novos colaboradores.

Ao longo dos anos, o tom das publicações gerou algumas polêmicas e processos judiciais e o jornal chegou a passar dez anos fechado (1982-1992). Em 2006, o Charlie irritou a comunidade islâmica com charges sobre Maomé e o clima de instabilidade foi além dos tribunais, com ameaças de extremistas. Um ataque com bombas destruiu os escritórios do jornal em 2011, e em 2015 um atentado matou 12 pessoas na redação, entre elas os chargistas Cabu, Charb, Honoré, Tignous e Wolinski, e feriu mais 11. O Charlie não parou, e na edição seguinte, colocou nova-

mente o profeta na capa, chorando e exclamando a frase-símbolo do atentado, *Je suis Charlie* (Eu sou Charlie), e, acima, a frase 'Tudo está perdoado'.

Depois desse episódio, mais do que nunca as polêmicas do Charlie Hebdo dividiram opiniões, refletindo entre as questões de liberdade de expressão e desrespeito. Kirschbaum (2015 p. 2) aponta que o contexto do humor é levado em consideração ao julgar o semanário:

O humor não tem como função apenas o entretenimento ou a expressão artística em si. O humor pode ser uma forma importante de dizer algo que de outra forma ficaria reprimido. Assim, é importante observar de que forma a mensagem é enquadrada dentro do humor, se a intenção original é levar ao ódio (hate speech) ou se há outras mensagens inseridas em várias camadas de significado, e se existe uma exposição geral ou restrita à mensagem. No caso de Charlie Hebdo, podemos identificar todas essas ressalvas.

2.3 CRIANDO E FAZENDO SENTIDO

Nos jornais, é comum a charge estar inserida junto aos editoriais, como material opinativo, o que a coloca em página nobre da publicação. Para Maringoni (1996), o chargista deve estar em sintonia com o veículo para o qual está trabalhando e sua orientação editorial, mas sem perder suas características artísticas e de opinião. "Sempre é melhor quando o desenhista pode-se pautar – isto é, escolher o assunto que deseja tratar – e tem um bom entrosamento com o editor sobre qual a maneira de abordar este ou aquele assunto" (p. 87).

No processo de criação, é importante estar informado sobre o assunto tratado e ter uma opinião sobre ele. É muito comum, também, a associação de acontecimentos, que muitas vezes não possuem ligação nenhuma à primeira vista, mas que podem ser relacionados e compreendidos quando ainda frescos na lembrança das pessoas. Maringoni (1996, p.88 e 89) também destaca a importância do bom senso:

Para se fazer humor é preciso haver cumplicidade com o público. Ninguém ri da piada que você conta se não existe um código prévio entre você e seus ouvintes [...]. Uma piada de português só tem efeito no Brasil. Se você a contar na França, não será compreendido e em Portugal, linchado. No entanto, a mesma piada pode ser contada na Catalunha, por exemplo, se o personagem for um habitante de cidade de Fete. A fama do pão-duro no Brasil é debitada ao judeu; na Inglaterra, ao escocês.

O fazer sentido na charge circunda uma espécie de código em comum entre o autor e o público, permitindo relacionar a sátira com outros fatores não necessariamente escancarados no desenho, mas que lhe dão sustentação, como acontecimentos passados, questões culturais – pistas que, no processo de leitura, o leitor vai seguindo até chegar à sua conclusão. No que diz respeito a essa interpretação, a busca pelo significado, faz-se necessário ressaltar a importância de compreender a semiótica.

2.3.1 Um olhar semiótico

A semiótica é definida, em termos gerais, como o estudo dos signos, ligados a um mundo de linguagens. A linguagem e a signagem são representações simbólicas do mundo real em nossa mente, e não se resumem apenas à linguagem verbal, mas a uma rede plural de formas de se comunicar, como sons, imagens, expressões corporais, símbolos, cheiros e outros.

Santaella (1991) explica que o signo representa o objeto para o intérprete, substituindo-o em nossa mente para permitir interpretá-lo. Como olhar a fotografia de uma casa, que representa uma casa, mas não é efetivamente a casa. E a partir disso, nos orientamos e fazemos referências a partir de imagens, sons, expressões e diversas formas de linguagem para encontrar significado. O processo consiste naquilo de vemos (a fotografia de uma casa); o objeto propriamente dito (a casa); e aquilo que se cria na mente de quem vê o signo (a interpretação quanto ao significado daquilo).

A autora dedicou quase a totalidade do trabalho citado ao estudo do teórico Charles Sanders Peirce, que vai além da consideração de significante e significado, mas considera o objeto, o signo e também a interpretação (semiose), que pode ser diferente para cada um que realizar a leitura, conforme o seu repertório.

Peirce classificou categorias do pensamento e da natureza, pelas quais se dá a apreensão dos fenômenos na consciência. A primeiridade, que é a experiência inicial, daquilo que se vê; a secundidade, quando eclode a ação e reação da mente; e a terceiridade, que corresponde à interpretação dos signos (SANTAELLA, 2001).

De forma sucinta, sugerem-se divisões triádicas. Ocorrem diversas relações entre signos, como o signo consigo mesmo; o signo com o objeto e o signo com seu interpretante. Referem-se à classificação dos signos em *ícone*, ou seja, o signo que representa o objeto pela semelhança morfológica; *índice*, que se refere ao objeto por ser materialmente derivado dele (ex: uma pegada); e *símbolo*, que se refere ao objeto por

meio de uma convenção, regra ou lei (ex: placas de trânsito).

Santaella (2001, p.70) conclui:

[...] as tríades peirceanas funcionam como uma espécie de grande mapa, rigorosamente lógico, que pode nos prestar enorme auxílio para o reconhecimento do território dos signos, para discriminar as principais diferenças entre signos, para aumentar nossa capacidade de apreensão da natureza de cada tipo de signo. Como teoria científica, a semiótica de Peirce criou conceitos e dispositivos de indagação que nos permitem descrever, analisar e interpretar linguagens.

O diferencial da charge perante os outros gêneros textuais publicados nos jornais e revistas é o uso da ilustração e da escrita conjugadamente, ora, linguagem verbal e não-verbal. Uma ilustração com personagens, situações, ambientes ou objetos, e com comentários relativos à situação apresentada por escrito, elementos que se integram e se complementam para emitir a mensagem e permitir a compreensão (FLORES, 2002).

Levando em conta as considerações até então destacadas, cabe ressaltar que, justamente devido a esta pluralidade de elementos, a produção de sentido na charge está grandemente relacionada ao repertório do interpretante, fator que deve ser cuidadosamente considerado pelo emissor da mensagem para obter resultado esperado, assim como a coerência nessa mescla de linguagens.

2.3.2 O discurso

Foi considerando o fato de que existem muitas formas de significar que se começou a analisar o discurso, esmiuçando-o para compreender como a língua produz sentidos, não apenas na transmissão da mensagem, mas no efeito de sentidos entre locutores. A análise de discurso coloca a interpretação em questão:

A Análise do Discurso visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido. A Análise do Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma "chave" de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo

teórico. Não uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender (ORLANDI, 1999 p. 26)

Nesse contexto, a autora atribui condições de produção de sentido, como o contexto sócio-histórico, ideológico, que situa o discurso em questão, e a própria memória, aquilo que já foi falado antes, que já é de conhecimento e que tem algum efeito nesse discurso para propiciar a interpretação. Ainda, relaciona as condições de produção, que constituem os discursos, a certos fatores. A relação de *sentidos*, segundo a noção de que não há discurso que não se relacione com outros é um fator facilmente associado ao discurso da charge, uma vez que está sempre relacionado a outros discursos que o sustentam. O mecanismo da *antecipação*, por sua vez, considera que o sujeito consegue se colocar no lugar do seu interlocutor, expressando-se de um modo que regule a argumentação. Por fim, há a noção de *relação de forças*, baseada em nossa sociedade hierarquizada, que impõe mais valor (significado) à fala do sujeito a partir de sua posição, como as palavras de um professor perante os alunos ou um padre perante os fiéis (ORLANDI, 1999).

Estas breves considerações atentam para maior compreensão acerca dos discursos e o que eles nos revelam, além da simples transmissão de uma mensagem de um emissor para um receptor. Que, por meio da linguagem, revelam-se as ideologias e interpretações distintas relacionadas a toda uma bagagem que influencia na construção do sentido, em que até o não dito precisa ser considerado.

2.4 A PROXIMIDADE DOS JORNAIS DO INTERIOR

Assim como os grandes acontecimentos e polêmicas do cenário nacional ou mundial que cobrem as páginas dos principais periódicos contribuem para aflorar a criatividade dos chargistas, fato semelhante pode ser aplicado à mídia local e regional, à sua proporção. Baseada nos fatos de sua região, vale ressaltar que a charge nas publicações do interior também figura como elemento interessante na composição das edições, enquanto conteúdo produzido para um determinado público.

Muitas vezes subestimadas e ofuscadas pelas grandes mídias, essas publicações regionais carregam, no entanto, um fator inegavelmente favorável. Entre as principais características dos jornais locais e regionais está a proximidade com seu público, tanto geográfica quanto em relação aos vínculos sociais e/ou culturais.

Peruzzo (2005, p. 43) argumenta:

O meio de comunicação local tem a possibilidade de mostrar melhor do que qualquer outro a vida em determinadas regiões, municípios, cidades, vilas, bairros, zonas rurais etc. [...] Está num contexto vantajoso para o leitor ou telespectador, ou seja, a proximidade da informação. As pessoas acompanham os acontecimentos de forma mais direta, pela vivência ou presença pessoal, o que possibilita o confronto entre os fatos e sua versão midiática de forma mais natural.

Nesse contexto, é notório o potencial dessas publicações no sentido de explorar os recursos jornalísticos para melhor atender os leitores, que buscam em suas páginas se informar sobre os acontecimentos de sua região e encontrar nelas aspectos que reforcem esses laços. Portanto, na aplicação de ferramentas editoriais como a charge, cabe ao veículo determinar não só as características visuais e textuais do produto, como também sua orientação em relação à sátira, adotando um contexto mais geral, ou aproveitando seu nicho para apresentar um conteúdo original e propício ao seu público.

2.5 ANÁLISE

As charges do Jornal Aconteceu predominantemente denotam conteúdo local e estão sempre em sintonia com algum conteúdo ou associação de conteúdos de relevância no momento, e são o objeto desta pesquisa.

Para analisá-las, foi necessário conhecer as fontes desta pesquisa. Basicamente, o chargista, autor do trabalho, e o veículo de comunicação no qual este conteúdo é inserido. Essa relação vai permitir compreender a função e objetivo da charge, bem como o processo de criação e características do discurso.

Fundamentada na pesquisa bibliográfica, as fontes da pesquisa foram entrevistadas, primeiro, o diretor do jornal, a fim de buscar compreender a visão do veículo de comunicação sobre a charge, suas intenções ao publicá-las, preocupações e relação com o chargista. Também, o chargista foi entrevistado pelas mesmas questões, além de poder apresentar o processo criativo da produção do conteúdo e recursos de linguagem utilizados.

A partir das informações já colhidas, o processo também consistiu num levantamento das charges já publicadas pelo jornal, para seleção de exemplos a serem utilizados. Para isso, foi necessário elencar, fundamentada nos passos anteriores, as temáticas a serem colhidas para aná-

lise. Esta seleção partiu de considerações como as questões abordadas, o teor (social, político, cultural etc), as características visuais e textuais, a relação com a reportagem jornalística e a forma de abordagem.

2.5.1 Questionários

Com o intuito de conhecer o processo de produção das charges na visão do chargista e do veículo no qual elas são inseridas, gerando mais subsídio para a análise das imagens, dois breves questionários foram criados e enviados ao diretor do Jornal Aconteceu, Adriano Padilha Pageski, e ao chargista, Welington Lima, como pode ser observado no quando abaixo:

Quadro 1 – Respostas dos questionários

WELINGTON LIMA - CHARGISTA	
1- Como você vê a função da charge?	Vejo como a representação sintetizada e caricata de uma situação especial, que está na mente de um público durante um período. Nesse caso, o humor pode ser usado para oferecer a visão de um fato sob uma perspectiva mais crítica e descontraída.
2 - Como você descreve o processo criativo de produção das suas charges?	Procuro separar os elementos que compõem a notícia, como as pessoas, os lugares e acontecimentos; para então gerar ideias rápidas, experimentando exageros, analogias etc, até decidir qual a melhor opção. Simplifico o que será representado aos mínimos elementos, para melhor entendimento.
3 - Você procura padronizar uma técnica/estilo?	Sim. O estilo acaba sendo uma mistura do traço que gosto de fazer com o que realmente dá para fazer dentro de um prazo e uma verba, mantendo certa qualidade e consistência. Mas com o tempo desenvolvi diferentes estilos, que uso conforme a situação. Torna-se quase um processo industrial, porque já prevejo o tempo, custo e o resultado.
4 - Seu discurso na charge é mais direto, explícito, ou você procura trabalhar elementos que exijam certo repertório para compreender?	Tento trabalhar dentro repertório do público, imaginando, por exemplo, o que ele diria de engraçado sobre um fato. Mas meu trabalho é mais gráfico que textual, então acho que certas coisas podem não ser compreendidas perfeitamente por quem não tem uma certa bagagem visual.

ADRIANO PADILHA PAGESKI – DIRETOR DO JORNAL ACONTECEU	
1- Como você vê a função da charge?	Eu vejo como uma função que agrega à reportagem. Nela é possível passar, de uma forma descontraída, a ideia de algo que se está reportando.
2 - O que o levou a fazer uso das charges no seu jornal?	Em jornais de interior as charges são pouco usadas. No nosso caso, o objetivo da charge é incrementar e atrair a atenção dos leitores aos temas abordados.
3 - De que forma o Jornal Aconteceu procura trabalhar a charge?	Depende de cada edição. As charges são críticas, por exemplo, quando o objetivo da matéria é abordar uma questão polêmica. Mas, na maioria das vezes, o humor impera. Assim como nas propagandas, o humor é uma das melhores formas de se passar uma ideia/informação.
4 - Que impacto você acredita que as charges têm para os leitores, e teve para o jornal?	Elas têm um impacto muito grande. Leitores chegam a folhear o jornal em busca delas. O uso das charges nos ajudou em nosso plano de amadurecimento e crescimento.

Fonte: do autor (2016).

2.5.2 Seleção das charges

O estudo acerca das charges do Jornal Aconteceu se baseia em uma amostra de cinco charges publicadas entre 2011 e 2016. A escolha levou em conta exemplos que abrangessem todo o período de parceria entre o jornal e o chargista, evidenciando as mudanças no estilo do desenho, sofridas com o passar do tempo e conforme a ocasião, como comentado pelo autor no questionário. Nessa seleção, também houve a preocupação de trazer exemplos de charges com teores distintos, variando entre política, cultura, segurança, economia e crítica social, propiciando a análise de diferentes discursos e forma de abordagem aos problemas expostos.

2.5.3 Estrutura da análise

Tendo como base toda a fundamentação teórica abordada neste projeto, construiu-se uma linha de raciocínio para análise a partir de três fases: contexto histórico-social, semiose e conclusão do discurso.

A partir do contexto histórico-social, apresenta-se o momento em que a charge foi criada e em que foi pauta. Uma vez que o conteúdo das charges do Jornal Aconteceu é predominantemente local, faz-se

necessário conduzir a leitura a partir das referências que estavam à disposição do leitor do jornal. Tudo isso vai contribuir como repertório para a interpretação.

Partindo do termo introduzido por Charles Sanders Peirce para designar o processo de significação, a semiose vai percorrer a percepção inicial daquilo que se vê (primeiridade); a reação diante desses elementos (secundidade) e posterior interpretação (terceiridade), levando à síntese intelectual, citada por Santaella (1983), ora, o pensamento em signos.

A análise se completa com as conclusões da interpretação e considerações sobre o discurso, a partir das observações levantadas. Nesse ponto, vale salientar que essa geração de significado não exprime um caminho único, mecânico, a se seguir, ou que imponha estas como as únicas significações possíveis. Afinal, como propõe Peirce, existe a relação com o interpretante e, como lembra Orlandi (1999), os gestos de interpretação intervêm no sentido, não havendo, portanto, uma chave de interpretação.

2.5.4 Analisando as charges

Charge 1 - Publicada na edição nº 652, de 1º a 7 de setembro de 2011

A CIDADE É ALVO DE LADRÕES...

Carro é envolvido em duas ocorrências, durante a semana
Na quinta, veículo foi furtado e recuperado. Três dias depois, flagrado em "altíssima velocidade"

Empresa é furtada na madrugada de sábado
Dois e três de setembro (2º e 3º) para o sábado (2º), foi furtada a empresa...
A Polícia Militar voltou a trabalhar na noite de sábado e domingo, com todas as atividades em nível de emergência.

O SONHO DA CASA PRÓPRIA
A Prefeitura de Curitiba anunciou o lançamento de um programa de financiamento de casas populares...

CHARGE DA SEMANA
A charge mostra um personagem com um ovo gigante na cabeça, sendo atacado por outros personagens.

Fonte: Jornal Aconteceu (2011).

À época da publicação dessa charge, uma onda de crimes assustavam os moradores e comerciantes de São Mateus do Sul. Em um mesmo dia, quatro assaltos foram registrados na cidade, três deles em comércios, invadidos em horário de funcionamento e com uso de armas de fogo, apavorando funcionários e clientes. Nos dias seguintes, crimes do gênero continuaram acontecendo, como o furto de um carro e a invasão a uma empresa durante a madrugada, acarretando a perda de equipamentos eletrônicos. As ações criminosas intrigaram a polícia, que ainda não havia conseguido identificar os responsáveis e nem concluir se tratava-se de uma mesma quadrilha ou se eram ações paralelas.

Naquela edição, o jornal publicou uma das várias charges de sua trajetória, que explorou elementos característicos de São Mateus do Sul, apostando na proximidade e identificação do seu público com o que era retratado.

A ilustração mostra dois personagens caracterizados como bandidos carregando um grande objeto. Ao fundo, nota-se um pedestal no alto de um morro e uma escada apoiada nele. Esta charge não tem diálogo, mas conta com um elemento textual na parte superior, onde é descrito “A cidade é alvo de ladrões...”.

São-mateuenses de imediato reconhecem que o objeto carregado é a um dos símbolos da cidade, a caixa-d'água em forma de cuia de chimarrão, que está localizada no pátio da Companhia de Saneamento do Paraná (Sanepar), na área mais alta do centro da cidade. O pedestal ao fundo da ilustração (os “pés” da Cuia) ajuda a identificar do que se trata, com riscos traçados à sua volta, recurso muito utilizado nas histórias em quadrinhos, para chamar a atenção para um elemento e, nesse caso, denotar que há algo diferente ali.

Cabe aqui uma breve digressão: é curioso refletir quanto ao ciclo de signos dispostos nessa ilustração. Observando os conceitos da semiótica, o próprio monumento da Cuia configura um ícone, uma vez que é identificado como uma cuia, mas não a é efetivamente, mas uma caixa d'água que representa uma cuia. E agora a charge representa a Cuia (caixa-d'água) que representa uma cuia (de chimarrão).

Voltando à análise, mas ainda com base nas teorias de Peirce, pode-se identificar a escada (ou reprodução de uma escada) como um índice, um indício de algo, neste caso, que alguém subiu ali em algum momento. E, assim como os traços ao redor do pedestal, ao fundo, os símbolos desenhados junto aos pés dos personagens (representando poeira) configuram recursos gráficos adicionais para colaborar com o entendimento, no caso, remetendo ao fato de que os personagens estão em movimento, caminhando.

Além da Cuia, há outros elementos visuais que ajudam a compor a cena e auxiliar no entendimento. A exemplo, a vestimenta dos bandidos. Entendemos tratar-se de ladrões, não só porque estão carregando algo suspeito, mas porque utilizam capuz e máscara no rosto, culturalmente associados como itens utilizados por criminosos, para não serem reconhecidos e protegerem sua identidade.

A conclusão desta charge, na etapa de terceiridade da análise, quando todos os elementos já são reconhecidos, pode ser resumida como o fato de que ladrões já estão roubando de tudo, tão logo roubam até a Cuia.

O autor utilizou ousadamente uma situação um tanto delicada para fazer graça, humor que prevaleceu, neste exemplo, perante outras formas de discurso da charge jornalística. Não há crítica a algo/alguém, mas uma sátira a uma situação.

Um possível risco de o propósito dar errado ao brincar com uma notícia negativa ficou para trás, quando a charge abordou a situação sem ataque, mas com um pouco de leveza e descontração, ajudando as pessoas a superarem o problema. Mostra-se, aí, mais uma das funções possíveis da charge.

Charge 2 - Publicada na edição nº 681, de 19 a 25 de abril de 2012



UMA ESMOLINHA PARA REFORMA?

PERY

19 a 25 de abril de 2012 www.jornalaconteceu.com.br PÁG. 12

Vapor Pery passará por reforma

A reforma coincide com o ano em que o monumento completa 50 anos

Tal iniciativa rende ao município de Petrópolis Municipal para reformar o histórico Vapor Pery. Apesar de ser ainda um mistério, a obra tem características de reforma pontual e prevê apenas pequenas obras de substituição de peças, com um valor de R\$ 25783,72.

A reforma coincide com o ano em que o monumento completa 50 anos. A empresa contratada, Engenharia Engenharia e Serviços Ltda., tem prazo de quatro meses para concluir o projeto.

Para lembrar, o Vapor Pery foi inaugurado em 1962, com o principal ponto turístico da cidade, o Pery, que também comemora seu aniversário há 50 anos. Como atualmente se encontra em condições de conservação, com o caso controlado e com parâmetros na parte elétrica.

mau momento. O Vapor se encontra atualmente em boas condições de conservação, com o caso controlado e com parâmetros na parte elétrica.

Ilustração de um trem a vapor em um cenário paisagístico.

CHARGE DA SEMANA

UMA ESMOLINHA PARA REFORMA?

CEZAREL

conexions informática

CELULAR LG A290 TRI CHIP 3 Chips (Desbloqueado todos operadores) Garantia de 10 dias R\$ 299,70 à vista ou 3 x R\$ 99,90

42 3332 4862 Rua Senador Celso Ramos 1180 - 111

11 DE MARÇO, Promoção imperdível! 11 de março de 2012

Fonte: Jornal Aconteceu (2012).

Um dos pontos turísticos de São Mateus do Sul é o Vapor Pery, embarcação utilizada nos tempos áureos da navegação no rio Iguaçu, que foi recuperada e inaugurada como monumento, na década de 1990, na Praça do Iguaçu, onde existiu o antigo porto do município.

Apesar da beleza, imponência e valor histórico como símbolo de um dos ciclos econômicos da cidade, o Vapor Pery permaneceu por anos sem cuidados de manutenção. Além do desgaste pela própria ação do tempo, o monumento sofreu vandalismo. Em abril de 2012, ano em que o Pery completava cem anos, o Jornal Aconteceu noticiou a conclusão de uma licitação promovida pelo município para a reforma do vapor. No entanto a obra era pequena, atendendo às questões mais emergenciais no casco e na pintura, amenizando os danos, mas não devolvendo totalmente a aparência de quando o monumento foi inaugurado e tombado como Patrimônio Histórico pelo município.

O Vapor Pery seria, então, o objeto central da charge daquela edição. Nela, já se nota mudança no estilo do desenho em relação à charge analisada anteriormente, publicada alguns meses antes, com diferenças no traço, nas cores e até na assinatura do autor. A embarcação foi reproduzida seguindo suas características físicas principais, ainda tendo seu nome grafado para facilitar a identificação. Mas nessa reprodução, o chargista optou por transformá-la em um personagem, humanizando-a, dando-lhe rosto, membros e feições que ajudam a compreender o discurso. O personagem aparece sentado, à beira do rio, com expressão triste, estendendo a mão. No balão, ele diz: "Uma esmolinha para reforma?".

Um humor bastante crítico está presente nessa charge, marcada por algumas associações visuais. O Vapor Pery é colocado como um pedinte de rua, que senta no meio-fio e estende a mão, na esperança de que alguém se comova e faça uma contribuição, para que possa sobreviver. Seu meio-fio é a margem do rio, onde navegou imponente um dia. Quem conhece a Praça do Iguaçu, também pode reconhecê-la na ilustração, observando os desenhos de lambrequins existentes na calçada. E seu pedido também é para poder sobreviver, no seu caso, com uma reforma que o garanta continuar existindo. O discurso provoca quanto ao descaso sofrido pelo símbolo histórico, abandonado à margem do rio como um morador de rua abandonado à margem da sociedade. Em ambos os casos, a última e desesperada alternativa é pedir ajuda.

Charge 3 - Publicada na edição nº 845, de 20 a 26 de agosto de 2015.



Fonte: Jornal Aconteceu (2015).

Em 2015, os protestos contra o governo Dilma Rousseff começaram a ganhar força pelo Brasil, com concentrações organizadas principalmente pela internet, que levaram milhares de pessoas às ruas, simultaneamente em várias cidades brasileiras. Os escândalos de corrupção envolvendo políticos, o desequilíbrio econômico do País e medidas impopulares da presidente reeleita colaboraram para a adesão crescente às manifestações, que naquele ano aconteceram em 15 de março e se repetiram em 12 de abril, 16 de agosto e 13 de dezembro, ainda antes de a situação inflamar ainda mais com a abertura do processo de impeachment, já em 2016.

Além das grandes capitais, várias cidades pequenas também registraram alguma mobilização nessas datas, à sua proporção. Em São Mateus do Sul não foi diferente, porém, na maioria dos episódios, a adesão foi significativamente menor do que vinha sendo anunciado pelas redes sociais.

A charge em questão, publicada na edição que noticiou o protesto de 16 de agosto, já apresenta um traço bem diferente em relação às anteriores, num estilo mais recente adotado pelo artista, que apresenta

a sátira de forma mais minimalista, fazendo uso de poucas cores e detalhes.

A cena apresenta dois personagens segurando placas usadas em manifestações, com os dizeres 'Impeachment' e 'Fora Dilma'. O cenário é uma praça, e os personagens interagem entre si. 'Cadê os outros manifestantes?', um pergunta. 'Manifestados no Facebook', o outro responde, com um celular na mão.

A ilustração, dessa vez, não traz tantos elementos subjetivos, além do que está explícito para fazer compreender quem são os personagens, onde estão e a que fim – manifestantes contra Dilma protestando em um ambiente público. Nessa charge, o discurso se revela mais pela linguagem verbal, constituída de uma problematização, que diretamente entrega o que por acaso não tenha sido identificado no desenho, uma vez que o leitor tende a prestar mais atenção inicialmente no diálogo. Nesse caso, vislumbra-se que os personagens estão decepcionados, após compreender o motivo exposto no texto. Apesar de o celular na mão de um dos personagens não ser tão detalhado, podendo representar muitas outras coisas, sabe-se, a partir do diálogo, que está consultando a internet a partir de um aparelho.

A charge mistura humor e crítica, trabalhando o fato de a adesão à manifestação ter sido baixa e pela contradição com o que se via pela internet – muita gente manifestando-se contra a presidente e confirmando participação no protesto de rua em São Mateus do Sul. Nesse ponto o discurso critica o fato de que muita gente tem iniciativa para manifestar uma crítica, ataque ou descontentamento pela internet, velada pelo anonimato ou protegida pela própria distância física, além da facilidade em fazê-lo, mas no momento em que precisa sair da sua zona de conforto e expor-se nas ruas, não tem a mesma atitude. Na sátira do jornal, portanto, os manifestantes não compareceram nas ruas por estarem ocupados ,manifestando-se no Facebook (principal site de rede social utilizada na cidade).

Outra questão muito presente em cidades pequenas como São Mateus do Sul, que também colabora por essa discrepância entre a participação presencial e pelas redes sociais, é o fato de "todo mundo conhecer todo mundo", portanto ser visto apoiando declaradamente uma situação tão divergente pode gerar atritos e julgamentos que muita gente prefere evitar.

Tal charge, então, pode ser compreendida principalmente por quem vive em São Mateus do Sul ou cidades com situação semelhante, mas também pode ser identificada por praticamente qualquer pessoa que utilize as redes sociais e perceba tal comportamento.

Charge 4 - Publicada na edição nº 863, de 21 a 27 de janeiro de 2016

MEIO AMBIENTE
Árvores da cidade passam por inventário
Levantamento é etapa importante do Plano de Arborização Urbana

CHARGE DA SEMANA

Gerência da SIX recusa reunião

CARTA ABERTA À POPULAÇÃO

Sicredi
A melhor opção em investimentos, crédito e produtos para realizar seus sonhos.

O futuro já chegou
CEMMEFE
Ginecologia
Obstetrícia
Medicina Fetal
Ultrassonografia

OU VOCÊ FAZ INGLÊS NA FISK, OU FICA PRA TRÁS.
FISK
FISK SÃO MATEUS DO SUL
Tel: 3532-1021
Rua São João Batista, 1129

Fonte: Jornal Aconteceu (2016).

O ano de 2016 começava com uma notícia preocupante para a comunidade de São Mateus do Sul: a maior indústria em atividade no município – a Unidade de Industrialização do Xisto (SIX) da Petrobras – corria o risco de ser desativada. A situação foi encarada com desconfiança por muita gente, uma vez que a usina já tinha passado por outras ameaças de fechamento no passado, que nunca se efetivaram. Do outro lado, a crise vivida pela companhia e a redução do fluxo de trabalho na unidade são-mateuense nos últimos tempos pendiam para uma possível instabilidade, apesar de a empresa pouco se manifestar. A hipótese suscitou o debate quanto à dependência do município pela SIX, que responde sozinha por cerca de 40% da arrecadação de impostos e ainda gera reflexos indiretos na economia, motivando articulações principalmente políticas para contornar uma possível perda da unidade.

A charge não apresenta linguagem verbal a partir de diálogos. O único recurso textual utilizado foi a grafia “São Mateus do Sul”, sobre a mancha na parte inferior do desenho, e as letras BR nas cartas, que têm as cores verde, amarelo e branco. As cartas empilhadas formam um castelo que, no topo, revela uma chama e fumaça.

A charge em questão foi publicada na edição em que a matéria principal abordava uma estratégia adotada pelo governo municipal que dividiu opiniões. Enfrentando dificuldades financeiras, a Prefeitura de São Mateus do Sul terminou o ano de 2015 com quase R\$ 6 milhões em dívidas ainda não empenhadas, por falta de saldo orçamentário, e para resolver o problema, precisou utilizar recursos do orçamento de 2016 – o que não era previsto e nem uma prática muito apreciada – para quitar as despesas pendentes. As divergências em torno do assunto se revelaram no momento em que a medida tomada pelo prefeito, Clovis Ledur (PT), chegou ao Legislativo, que precisava aprovar a abertura de crédito especial no orçamento do exercício de 2016. A Câmara Municipal entrou em conflitos de opiniões, tanto sobre a permissibilidade da atitude, quanto pelo fato de o município não ter conseguido administrar as despesas do ano de forma compatível com os recursos, comprometendo assim o orçamento do exercício seguinte. Ainda com grande pressão, principalmente por parte dos fornecedores, que aguardavam o pagamento de seus serviços e com parecer favorável do setor jurídico, os projetos de lei referentes foram aprovados pela maioria dos vereadores.

A sátira dessa vez faz uso de um recurso muito característico das charges – a caricatura. Revela dois personagens, um reconhecido muito facilmente e outro mais familiar à realidade local, porém, ilustrado de forma que facilita tranquilamente a identificação por quem o conhece. Ainda na etapa analítica da primeiridade, a situação exposta é um personagem ensinando o outro a andar de bicicleta. No diálogo presente, diz-se “Vai Ledur, uma pedalada depois da outra”.

Logo, a interpretação vai avançando com a percepção de novos elementos. Primeiro, está a presidente da República, Dilma Rousseff, com sua aparência e roupa bastante características, e depois o prefeito de São Mateus do Sul, Clovis Ledur, também reproduzido de forma semelhante à maneira como se veste e aparência física. Ledur mostra expressão de preocupação, como de quem realmente está aprendendo uma coisa nova, e elementos gráficos adicionais colaboram pela identificação disso – no caso, as gotas de suor. A bicicleta, com rodinhas, cesto e fitas, também remete imediatamente a ser uma versão infantil, portanto, utilizada por quem realmente ainda está aprendendo.

A cena retratada e o discurso evidenciado no balão levam à conclusão sobre a intenção da mensagem, permitindo reconhecer uma analogia. Nesta sátira, a “pedalada” refere-se ao sentido de “pedalada fiscal”, ou seja, operação orçamentária que atrasa o repasse de verbas para aliviar a situação fiscal ou aparentar um saldo positivo em determinado período.

Revela-se, então, a utilização de outro recurso comum na produção das charges jornalísticas, conforme descrito por Maringoni (1996), que é a associação de acontecimentos. Além da notícia da estratégia adotada pelo prefeito, que assemelha-se a uma pedalada fiscal, a presença de Dilma na charge desperta a lembrança de outra notícia parecida, na qual a presidente é relacionada a pedaladas fiscais. A ligação ainda é mais bem selada pelo fato de que Dilma e Ledur são do mesmo partido político.

Essa charge pode ser considerada uma das mais completas já publicadas pelo jornal, ao considerar a quantidade de elementos presentes e a forma como foram utilizados. Além da caricatura e maior detalhismo na composição gráfica (uma verdadeira “festa” de signos), há presença de linguagem verbal com frase de impacto no diálogo, associação de fatos, crítica e humor. Em contrapartida, também percebe-se mais necessidade de repertório do leitor para poder compreender.

3 CONCLUSÃO

As charges analisadas neste projeto são apenas uma fração das tantas que já foram criadas por Wellington Lima e publicadas no Jornal Aconteceu. Entretanto, já nos permitem dar uma noção das características da publicação, da forma como o veículo utiliza esse recurso e como a mensagem é transmitida por meio dele.

Os princípios utilizados para essas análises buscaram captar tanto as características gráficas como de discurso, possibilitando, a partir da identificação, tradução e interpretação de elementos, chegar à compreensão que se obteve com a conclusão do projeto.

Os desenhos do Aconteceu seguem características gerais identificadas no formato charge jornalística, tanto na parte gráfica quanto no discurso que aplica. Utiliza-se de um único quadro e varia entre a presença ou ausência de linguagem verbal, utilizando humor, sátira e crítica para expressar uma posição sobre um determinado fato.

Em contrapartida, apresenta características muito próprias, como a variação no estilo do desenho e a disposição da charge no jornal, inserida na mesma página da matéria a que se refere e não na página de editoriais, como é comumente encontrada nas demais publicações. Ainda se percebe a relevância que a publicação ganhou com o passar do tempo dentro do jornal, sendo publicada nas primeiras edições em página preto e branco e posteriormente transferida para página colorida, mais valorizada.

Mas possivelmente a característica mais marcante das charges de Wellington Lima no Jornal Aconteceu é a proximidade dos temas com o

seu público. Mesmo em jornais de interior, que têm um público leitor característico ao espaço geográfico da cidade ou região, é mais comum encontrar charges associadas a temas gerais, de repercussão nacional. No *Aconteceu*, a linha editorial da charge focou prioritariamente nos conteúdos locais.

Tal posicionamento limita o alcance e o entendimento do discurso pretendido, uma vez que se restringe, em geral, ao público leitor das notícias daquela região, mas também atende de forma mais completa esse público, que poderia encontrar charges de temas nacionais em diversos veículos de comunicação, mas dificilmente teria ao seu alcance igual variedade de publicações do gênero relacionadas ao dia a dia da sua cidade.

Portanto observa-se que a charge do *Jornal Aconteceu* tem como função agregar mais conteúdo à publicação, oferecendo mais uma forma de compreender e interpretar a notícia, e também reafirmar sua postura como veículo de comunicação voltado às demandas da cidade e região em que está inserido.

4 REFERÊNCIAS

- BARBOSA, G.; RABAÇA, C. A. **Dicionário de comunicação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- BERGSON, H. **O riso**: ensaio sobre a significação do cômico. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- BRAGA, J. L. **O Pasquim e os anos 70**: mais pra epa que pra oba... Brasília: UnB, 1991.
- CHARLIE HEBDO. **História**. Disponível em <https://charliehebdo.fr/>. Acesso em: 7 abr. 2016.
- FIGUEIREDO, C. **Porque rimos**: um estudo do funcionamento do humor na publicidade. *Comunicação & Sociedade*. São Bernardo do Campo, jan. a jun. 2012. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/CSO/article/viewArticle/2833>>. Acesso em: 14 abr 2016.
- FLORES, O. **A leitura da charge**. Canoas: Ulbra, 2002.
- FREUD, S. **Futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

KIRCHBAUM, C. **Liberalismo político e liberdade de expressão**: o Charlie Hebdo **Affair**. Revista Fevereiro, São Paulo, jul. 2015. Disponível em: <http://www.revistafevereiro.com/pdf/8/3.pdf>. Acesso em 7 abr 2016.

MARINGONI, G. **Humor na charge política no jornal**. Revista Comunicação e Educação, São Paulo, set. a dez. 1996. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4316/4046>. Acesso em: 19 fev 2016.

MIANI, R. A. **Charge**: uma prática discursiva e ideológica. 9ª Arte, São Paulo, jan. a jun. 2012. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/nonaarte/ojs/index.php/nonaarte/article/view/3/7>. Acesso em: 20 fev 2016.

MINOIS, G. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Unesp, 2003.

PARNAIBA, C. & GOBBY, M. C. **Charge Jornalística**: Definição, histórico e funções. In: Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAI) da Pontificia Universidade Católica do Peru (PUCP), 12., 2014, Lima. Anais eletrônicos. Lima: PUPC, 2014. Disponível em: <http://congreso.pucp.edu.pe/alaic2014/wp-content/uploads/2013/09/vGT17-Cristiane-Parnaiba-Maria-Cristina-Gobbi.pdf>. Acesso em: 19 fev 2016.

ORLANDI, O. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

PASSOS, L. K. **Produção de sentido em fotografia**. União da Vitória, PR: UNIUV, 2012.

PERUZZO, C. M. K. **Mídia regional e local**: aspectos conceituais e tendências. Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo, jan. a jun. 2005. Disponível em: http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/cs_umesp/article/view/196/154. Acesso em: 23 fev 2016.

SANCHOTENE, C, R, S. **Mídia, humor e política**: A charge na televisão. Rio de Janeiro: E-papers, 2011.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SOUSA, J. P. **Elementos de jornalismo impresso**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2005.
